



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS

**O SUICÍDIO NO DISCURSO DO ADOLESCENTE E A INTERVENÇÃO
DO ANALISTA**

RHOINI CAPODAGLIO

LAVRAS – MG

2019

O SUICÍDIO NO DISCURSO DO ADOLESCENTE E A INTERVENÇÃO DO ANALISTA¹

RESUMO

A partir de uma experiência clínica, foi questionado o que o analista poderia oferecer a adolescentes que falam em suicídio. A adolescência não é um tema clássico da psicanálise, mas sustentou-se que nela poderiam ser encontrados fundamentos teóricos para pensá-la. O artigo objetiva abordar a adolescência e as operações nela envolvidas a partir da perspectiva psicanalítica, além de investigar como a psicanálise compreende o suicídio visando articular a teoria a uma possibilidade de intervenção. Foram buscadas referências na obra de Freud e Lacan, assim como nos estudos de autores contemporâneos. Tempo de importantes elaborações e de encontro com o real, a adolescência pode levar o sujeito ao ato como forma de lidar com os conflitos e com a angústia. O analista pode oferecer sua escuta para que o sujeito construa uma resposta singular e consiga contornar simbolicamente o real, substituindo o ato pela palavra.

Palavras-chave: Adolescência. Suicídio. Intervenção do analista.

1 INTRODUÇÃO

Na prática psicanalítica o analista às vezes se encontra diante de discursos cuja escuta afeta-o mais intensamente, colocando-o a trabalho. Este é o pano de fundo que gerou o artigo. Ao atender uma adolescente que falava em suicídio, foi observado que isso provocava certa insegurança e medo na analista pela característica tendência à instabilidade própria da idade, que foi percebida na fala da paciente, e pela particularidade do tema que remetia à possibilidade do ato. Diante desta escuta, foi questionada a prática do analista e sua posição no *setting* analítico perante a demanda apresentada. Assim, a partir da experiência clínica, surgiu a pergunta que norteia a presente pesquisa, isto é, o que o analista pode oferecer ao adolescente que fala em suicídio? É uma questão essencialmente clínica, mas que será articulada ao arcabouço teórico psicanalítico para nele encontrar diretrizes para

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Fundamentos da Psicanálise, orientado pela professora Magali Milene Silva.

pensar a adolescência, enquanto tempo diferenciado, e a especificidade da fala acerca do suicídio neste momento.

A adolescência não é um tema clássico da psicanálise. Tanto Freud como Lacan não a definiram nem lhe deram tanta importância em seus textos. Isso não significa que esteja ausente em suas obras ou que os fundamentos teóricos por eles lançados sejam insuficientes para pensá-la (ALBERTI, 2009). Tendo como norteador este pressuposto, a pesquisa objetiva abordar a adolescência e as operações nela envolvidas a partir da perspectiva psicanalítica buscando referências nos conceitos desenvolvidos por Freud e principalmente por Lacan, assim como nos estudos acerca deste tempo realizados por autores contemporâneos tais como Sônia Alberti, Philippe Lacadée e Jean-Jaques Rassial, entre outros. Baseando-se nos mesmos autores, será investigado como a psicanálise compreende o suicídio, enquanto “ato que mais drasticamente nos interroga” (ALBERTI, 2009, p. 38), para esclarecer sua recorrência durante a adolescência. A partir disso, almeja-se obter uma direção para articular uma possibilidade de intervenção.

Ressalta-se que a temática será debatida considerando sujeitos que fizeram a escolha por uma estrutura neurótica, pois incluir as outras estruturas implicaria um estudo mais abrangente e extenso devido à suas peculiaridades. Desta forma, o suicídio será discutido tendo em mente sujeitos neuróticos objetivando pensar qual a possibilidade de intervenção do analista.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Adolescência e psicanálise

“O adolescente”, assim como o entendemos hoje, nasceu paralelamente ao advento da Revolução Francesa e da Declaração dos Direitos Humanos. Era uma figura considerada perigosa para a burguesia, pois subvertia e ameaçava a ordem vigente. No começo do século XIX, era visto como vagabundo, errante, apaixonado por viagens, em suma, concentrava em si a ideia de instabilidade. Desta forma, a burguesia, que almejava a estabilidade, buscava controlar os adolescentes enquadrando-os e disciplinando-os através de internatos concebidos como a solução para o problema (LACADÉE, 2011). A comunidade científica foi na mesma direção, demonstrando interesse em designar a adolescência enquanto categoria

etária, objetivando sua integração na sociedade e a prática de uma disciplina vigilante (ALBERTI, 2009). Mas, se “a sociedade aspira à calma, a juventude sobe nas barricadas e ameaça a ordem estabelecida” (LACADÉE, 2011, p 17). Assim, se a adolescência surge como perigo para o indivíduo, despertando-lhe medo, a psicanálise foi necessária para situar e nomear este perigo sob o nome de sexualidade, pois o adolescente a torna visível (LACADÉE, 2011).

Apesar de muitas pacientes de Freud serem histéricas bem jovens ou adolescentes, por anos privilegiaram-se pesquisas acerca da primeira infância, deixando a adolescência à margem (RASSIAL, 1999). O próprio termo em si pode ser debatido. Não sendo um conceito psicanalítico, vários autores se debruçaram no desenvolvimento de teorias para defini-la e caracterizar este momento, muitas vezes distanciando-se dos preceitos freudianos. Alberti (2009) tenta trilhar este percurso e apresentar algumas das teorizações nas quais, um dos problemas apresentados, é a delimitação entre puberdade e a adolescência concebidas como fenômenos distintos ou interligados, onde a primeira seria precursora da segunda, por exemplo.

Na obra freudiana há a predileção pelo termo puberdade em detrimento de adolescência. Este fato pode constituir uma armadilha, pois leva a crer que Freud está seguindo uma linha desenvolvimentista, como interpretado por alguns psicanalistas que acabaram embarcando nesta direção (ALBERTI, 2009).

Durante todo o percurso de sua obra, Freud sustentou que uma das tarefas mais difíceis do aparelho psíquico seria abandonar um modelo de funcionamento para privilegiar outro. Haveria sempre um resto insuperável que permaneceria no decorrer dos anos, sendo atemporal. Um resto de infância, por exemplo. Assim, não é de idade cronológica ou de um fato natural com previsão para ser concluído que estamos falando ao lidar com o inconsciente. O sujeito não pode ser apreendido nestes termos, pois não tem idades (OLIVEIRA; HANKE, 2017). Em sua obra “O mal-estar na civilização” (1929/1996), Freud já afirmava que o que se passava na vida psíquica podia ser preservado e não necessariamente destruído, apontando para a preservação do passado no psiquismo. A ideia de tempos de constituição do sujeito, sem início ou fim estipulado, se torna mais adequada para compreender o que ocorre no inconsciente e, neste caso, as operações que se efetuam no sujeito adolescente (OLIVEIRA; HANKE, 2017).

Freud dedica a terceira parte da obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, à puberdade. Para ele, esta é simplesmente o tempo posterior à latência e compreende tanto as transformações corporais quanto as transformações psíquicas que a acompanham (ALBERTI, 2009). O psicanalista aponta como, até então, considerava-se que a pulsão sexual estava ausente na infância, entrando em cena somente a partir da puberdade. Como sabemos, Freud subverte esta ideia ao sustentar a existência de uma sexualidade infantil e de fantasias sexuais, conceitos fundamentais para suas postulações e para a compreensão do que ocorre na adolescência.

Nos ensaios ele sustenta que, nos primeiros anos de vida, há uma intensa atividade sexual que é detida pelo período de latência, no qual a energia sexual é desviada para outros fins (FREUD, 1905/1996). Assim, o sujeito cria um arranjo simbólico e imaginário para dar conta de sua sexualidade e de seus desejos, ainda que de forma precária (OLIVEIRA; HANKE, 2017).

Após este período, ocorre um segundo despertar da sexualidade que caracteriza a puberdade na qual, a pulsão sexual até então autoerótica, encontra o objeto sexual enquanto as distintas zonas erógenas, com seu alvo sexual exclusivo, se subordinam ao primado da zona genital. Assim, as mudanças pubertárias impulsionariam a configuração definitiva da sexualidade dita normal, isto é, a genital na qual a pulsão sexual se encontraria a serviço da função reprodutora, tornando-se altruísta (FREUD, 1905/1996). Apesar deste processo parecer linear, há desencontros e conflitos que permeiam o transcorrer deste tempo.

Freud (1905/1996) nos alerta que o mais importante dos vestígios revivados na puberdade é a afeição infantil pelos pais que orienta a escolha de objeto. Nas palavras do autor

Por fim, descobrimos que a escolha objetal é guiada pelos indícios infantis, renovados na puberdade, da inclinação sexual da criança pelos pais e por outras pessoas que cuidam dela, e que, desviada dessas pessoas pela barreira do incesto erigida nesse meio-tempo, orienta-se para outras que se assemelham a elas (FREUD, 1905/1996, p. 221).

Desta forma, na adolescência ocorre a reedição das fantasias edípicas nas quais o pai e a mãe são objetos do desejo sexual infantil. Apesar de não utilizar o termo

complexo de Édipo nos ensaios, a não ser nas notas de rodapé acrescentadas posteriormente, esta concepção já está presente nas entrelinhas, pois Freud já havia confidenciado a Fliess observações a este respeito na carta 71 de 1897 (FREUD, 1897/1996).

Segundo Freud (1905/1996) as fantasias infantis surgem novamente na puberdade impulsionadas pela premência somática e pela possibilidade de concretizar o desejo edípico devido à maturação biológica (ALBERTI, 2009). O arranjo encontrado pelo sujeito no período de latência, então, falha (OLIVEIRA; HANKE, 2017). Em seguida, ocorreria a subjugação e o repúdio destas fantasias (FREUD, 1905/1996), pois já haveria um registro das operações envolvidas no complexo de Édipo. À redescoberta do objeto edípico ao qual a criança renunciara, segue-se a condenação definitiva do objeto parental enquanto objeto sexual (LACADÉE, 2011).

Em “A dissolução do complexo de Édipo” (FREUD, 1924/1996) é explicitado como o temor da castração permitiria a saída da fase edípica gerando uma série de consequências.

As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto [...] As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas [...] e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição (FREUD, 1924/1996, p. 196).

Desta forma, ocorreria a identificação com os pais que são internalizados e sua integração constitui o superego, considerado o herdeiro do complexo de Édipo (ALBERTI, 2009). Cabe ressaltar que o mesmo desfecho não se aplica à menina, pois a castração introduz a fase edipiana, tornando o processo mais obscuro. Provavelmente a formação do superego ocorre, mas este não possuiria características tão inexoráveis como aquelas dos meninos (FREUD, 1925/1996). Isto evidencia a problemática relacionada ao sexo masculino e feminino e faz pensar às repercussões da elaboração do Édipo na adolescência.

Dependendo da ferocidade do superego, o sujeito enfrentará mais ou menos dificuldades nos conflitos que se apresentam na adolescência, principalmente no campo da sexualidade (ALBERTI, 2009). Em suma, podemos inferir que o

adolescente encontra-se diante de um impasse no qual precisa lidar com desejos incestuosos que reaforam e, ao mesmo tempo, com as exigências do superego já constituído. Diante desta explanação, evidencia-se que o recalçamento dos desejos incestuosos na infância não tem êxito completo, pois retornam colocando em pauta a confiabilidade de sua dissolução ou destruição, conforme termos utilizados por Freud. Mas é somente a partir da incorporação dos pais, do Outro da infância, advinda do período edipiano que é possível a separação destes (ALBERTI, 2009; 2010) e a conseqüente busca de afrouxamento dos laços familiares (FREUD, 1905/1996).

Freud (1905/1996) afirma que na puberdade, uma operação dolorosa, mas necessária, se efetua, isto é, o desligamento da autoridade dos pais. Alberti (2009; 2010) ressalta a delicadeza deste momento, pois há um processo de separação no qual os pais são alvo de críticas e tentativas de enfraquecimento por parte do adolescente. Este vai se deparando com as falhas de pais que, até então, eram idealizados, defrontando-se com a falta no Outro. Quando os pais se separam dos filhos por entenderem que não tem mais importância na vida destes e desistem, esta inversão de papéis provoca o sentimento de abandono do adolescente que lutará desesperadamente para ter a atenção. A referência primária e a presença dos pais são fundamentais para a elaboração de escolhas e a elaboração da falta no Outro.

Em “O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” (1964/2008), Lacan apresenta a separação e a alienação como operações distintas e simultâneas indispensáveis para a constituição do sujeito. É necessário o assujeitamento ao campo do Outro para que o sujeito exista. Conforme Lacan (1964/2008, p. 200) “o Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer”. A alienação consistiria em uma escolha forçada do sujeito para que consiga se constituir enquanto tal.

Utilizando a teoria dos conjuntos, Lacan (1964/2008) apresenta a alienação pela operação de reunião: de um lado há o ser (sujeito), do outro o sentido (Outro). Há um elemento que pertence a ambos, isto é, um *não senso*. O não-ser do sentido e a falta de sentido do ser cristalizam-se na figura do não senso (POLI, 2014). Qualquer escolha que se efetue sob o *vel* da alienação comporta uma perda: se

“escolhemos o ser, o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso – escolhemos o sentido, e o sentido só subsiste decepada dessa parte de não-senso [...]” (LACAN, 1964/2008, p. 206). Para entender melhor, Lacan (1964/2008) utiliza o exemplo “a bolsa ou a vida” no qual, escolhendo a bolsa, perco tanto a bolsa quanto a vida. Se resolvo escolher a vida, esta é uma vida decepada, uma vida sem bolsa. Assim, a única via possível para o sujeito é a escolha pelo campo do sentido, pois é somente através do Outro que ele pode advir. É este Outro, tesouro dos significantes, que porta a linguagem, que preexiste ao sujeito, permitindo que seja falado (ALBERTI, 2009).

Para que o sujeito se constitua é necessário que seja reservado um lugar simbólico no campo do Outro (TAVARES, 2013). De acordo com Lacan (1964/2008, p. 213) o “sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significante, o significante unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito, para um outro significante, o qual outro significante tem por efeito a *afânise* do sujeito”. Assim, ao mesmo tempo em que o sujeito é efeito da articulação do significante binário, este seria a causa de seu desaparecimento. Conforme Lacan (1964/2008, p. 213) “quando o sujeito aparece em algum lugar como sentido, em outro lugar ele aparece como *fading* como desaparecimento”. O ser desaparece eclipsado pelo sentido que emerge do campo do Outro pela própria função do significante que, ao mesmo tempo em que chama o sujeito a falar e a funcionar como tal, petrifica-o (LACAN, 1964/2008). De acordo com Alberti (2009), o sujeito da alienação é condenado a aparecer somente nesta divisão onde a afânise quer dizer a petrificação do sujeito diante de sua representação por um significante, denotando seu caráter letal. O sujeito petrificado é aquele que não se questiona, não faz perguntas, mas vive e age sem pensar sobre si mesmo (SOLER, 1997).

A segunda operação, a separação, funda-se na interseção e leva em consideração os elementos pertencentes aos dois conjuntos situados na lúnula (LACAN, 1964/2008). Dito de outra forma, refere-se a algo que falta a ambos os conjuntos (SOLER, 1997). A separação surge a partir do recobrimento de duas faltas.

Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro, surge na

experiência da criança, o seguinte, que é radicalmente destacável – ele *me diz isso, mas o que ele é que ele quer?* (LACAN, 1964/2008, p. 209)

Desta forma, há algo que escapa da significação. Entre o intervalo dos significantes, o sujeito começa a se deparar com as faltas no discurso do Outro, com algo que não cola, isto é, com o enigma do desejo do Outro, fazendo surgir a pergunta destacada por Lacan (1964/2008). O Outro da separação, então, é um Outro faltoso em oposição ao Outro da alienação que é completo, onipotente (SOLER, 1997).

Segundo Tavares (2013), em resposta à falta encontrada no Outro, o sujeito se coloca como objeto de perda, pois a falta revela a perda do objeto.

O primeiro objeto que ele propõe a esse desejo parental cujo objeto é desconhecido, é de sua própria perda – *Pode ele me perder?* A fantasia de sua morte, de seu desaparecimento, é o primeiro objeto que o sujeito tem a pôr em jogo nesta dialética, e ele o põe, com efeito. (LACAN, 1964/2008, p. 210)

Cabe ressaltar que esta resposta não se dá por acaso. Há uma referência a uma anterioridade, a um tempo precedente no qual ocorreu o desaparecimento do sujeito, sua afânise (LACAN, 1964/2008).

Se a alienação é um destino inexorável, pois nenhum sujeito falante pode se furtar a ela, a separação é uma escolha que pode ou não se efetuar. É necessário que o sujeito queira se separar da cadeia significativa, que possua uma vontade de saber o que é para além do dizer do Outro, possibilitando seu aparecimento enquanto sujeito desejante (SOLER, 1997). É pela promessa de ser que o sujeito embarca na separação (PISETTA; BESSET, 2011).

Pela separação o sujeito acha, se podemos dizer, o ponto fraco do casal primitivo da articulação significativa, no que ela é de essência alienante. É no intervalo entre esses dois significantes que vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito na experiência do discurso do Outro, do primeiro Outro com o qual ele tem que lidar, ponhamos, para ilustrá-la, a mãe, no caso. É no que seu desejo está para além ou para aquém no que ela diz, do que ela intima, do que ela faz surgir como sentido, é no que seu desejo é desconhecido, é nesse ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito (LACAN, 1964/2008, p. 213).

Somente a partir da falta torna-se possível o movimento desejante. A separação só ocorre pela dialetização do Outro que, enquanto faltante, é castrado (ALBERTI, 2010). De acordo com Lacadée (2011), Lacan sustenta que através deste processo é gerado o significante da falta Outro que apontaria para o real de cada um.

Na separação algo se perde do lado do Ser e do Sentido, isto é, falta algo ao campo do sujeito e do Outro. O objeto que se depreende é o objeto *a* que é da ordem do real, daquilo inapreensível por não ser simbolizável (ALBERTI, 2009; PISETTA; BESSET, 2011). Ao pensarmos a adolescência enquanto momento no qual ocorre o trânsito entre alienação e separação, sendo esta operação a protagonista, conseqüentemente o real aparece gerando angústia, solidão, tédio, entre outros (LACADÉE, 2011).

Na puberdade ocorreria o encontro com real, pois o Outro do sentido falha, assim como as identificações. O adolescente também não pode mais contar com a imagem do próprio corpo que sofre metamorfoses. Desta forma, o Imaginário e o Simbólico falham, abrindo espaço para o aparecimento do real (OLIVEIRA; HANKE, 2017). Ao mesmo tempo, o adolescente é chamado se situar e tomar partido na partilha dos sexos. Se nas brincadeiras e jogos infantis ele podia dizer-se menino ou menina, na puberdade esse dizer deve ser selado com o ato. O encontro com o sexo é mais um desencontro com o outro sexo, pois é marcado pela incompletude. Esta afirmação exemplifica-se na relação sexual, onde o parceiro não equivale ao sujeito, já que nela cada um dos parceiros encena sua relação com o objeto de sua fantasia que projeta no outro (ALBERTI, 2009; 2010). Assim, a falta novamente aparece.

2.2 Adolescência e suicídio

Uma das primeiras referências freudianas ao suicídio encontra-se na obra “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana”, de 1901 (BRUNHARI; DARRIBA, 2014). O psicanalista dedica um capítulo aos “equivocos de ação” no qual discorre a respeito da possibilidade de uma motivação inconsciente, disfarçada de erro ou equívoco, por trás dos desvios ocorridos em atos aparentemente casuais. Freud (1901/1996) estende sua indagação a ferimentos autoinfligidos que estariam escamoteando uma tendência suicida, já que, conforme o autor, “nunca se pode excluir o suicídio como um possível desfecho do conflito psíquico” (FREUD, 1901/1996, p. 181). Desta forma, existiria uma tendência à autodestruição, com

intenção inconsciente, escondida atrás dos ferimentos autoinfligidos que ameaçam a vida, os quais representariam “um compromisso entre essa pulsão e as forças que ainda se opõem a ela” (FREUD, 1901/1996, p. 183). Neste trecho encontra-se a semente daquilo que posteriormente virá a ser nomeado de pulsão de morte (BRUNHARI; DARRIBA, 2014).

Freud (1901/1996) está nos dizendo que acidentes podem ser possíveis tentativas inconscientes de suicídio os quais, quando bem sucedidas, podem culminar em uma morte aparentemente acidental. Ele apresenta vários exemplos para sustentar sua inferência, entre eles, aquele de um oficial que caiu do cavalo e acabou falecendo após alguns dias em decorrência do ferimento adquirido na queda. O oficial tinha perdido a mãe e vinha manifestando atitudes e discursos depressivos em relação à vida no período anterior ao acidente, dando abertura para pensar na interferência do inconsciente no acontecido.

O suicídio entre os adolescentes não é algo exclusivo do nosso tempo. Em 1910, Freud foi convidado a falar acerca deste tema na Sociedade Psicanalítica de Viena diante da ocorrência deste fenômeno entre os jovens frequentadores dos ginásios vienenses (ALBERTI, 2009). Na breve incursão, o psicanalista afirma que papel da escola não deveria se resumir a não impelir os jovens ao suicídio, mas estas precisariam se colocar como substitutos da família, oferecendo apoio e amparo aos jovens em um período onde ocorre o afrouxamento dos laços familiares, como visto anteriormente. Além disso, a escola secundária deveria promover o desejo de viver e despertar o interesse pelo mundo, mas ela falha nestas tarefas (FREUD, 1910/1996).

Na discussão, Freud não chega a uma resposta definitiva acerca do movente do suicídio e levanta a possibilidade da renúncia do ego à autopreservação (FREUD, 1910/1996). Segundo Alberti (2009), o psicanalista está afirmando que, no embate entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, estas teriam a melhor. Assim, a angústia do incesto impulsionaria o adolescente ao suicídio. Esta trilha foi seguida por vários psicanalistas ao longo do tempo que deixaram de lado as posteriores modificações teóricas freudianas, levando ao que Alberti (2009) chama de sexualização do suicídio. Assim, esta análise não considerou a pulsão de morte, noção que será desenvolvida por Freud posteriormente.

No texto de 1910, Freud ainda afirma que a investigação da melancolia poderia constituir um caminho elucidativo. Em “Luto e melancolia”, de 1917, ele abordará este assunto destacando a identificação do melancólico ao objeto, que será um dos pontos trabalhados por Lacan no “Seminário 10: a angústia” ao discorrer sobre a passagem ao ato, incluindo o suicídio, enquanto identificação do sujeito ao objeto *a* (BRUNHARI; DARRIBA, 2014).

Desta forma, o caminho trilhado pela pesquisa freudiana começa com uma primeira ideia de tendência à autodestruição, presente nos atos descritos em “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana”, seguindo para investigações acerca da melancolia como chave para obter respostas acerca do suicídio. Apesar de incluir o ato em 1901, esta dimensão não será explorada por Freud ao se debruçar sobre a problemática melancólica (BRUNHARI; DARRIBA, 2014).

Lacan (1962-1963/2005) retoma o tema do ato e distingue a passagem ao ato do *acting out* debatendo e diferenciando os conceitos a partir de dois casos de Freud intitulados “Fragmento da análise de um caso de histeria”, o famoso caso Dora de 1905, e “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”, de 1920. Interessante notar como ambos tratam de jovens mulheres histéricas às voltas com questões ligadas à identidade sexual e cuja história está permeada pela temática do suicídio (ALBERTI, 2009).

Roudinesco e Plon (1998, p. 20) afirmam que, para Lacan, a passagem ao ato diz de “um ato não simbolizável pelo qual o sujeito descamba para uma situação de ruptura integral, de alienação radical. Ele se identifica com o objeto (pequeno) *a*, isto é, com um objeto excluído ou rejeitado de qualquer quadro simbólico”. O sujeito, então, “se precipita e despenca fora da cena” (1962-1963/2005, p. 129), que é definida enquanto cena do Outro pelo qual se constitui e assume seu lugar enquanto portador da fala (LACAN, 1962-1963/2005).

Quanto ao *acting out*, é conceituado como o oposto da passagem ao ato, sendo “alguma coisa que se mostra na conduta do sujeito” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 137). Diz de uma “demanda de simbolização que se dirige ao outro” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 20). Destaca-se, então, o caráter de mostraçã, mostragem, orientada para o Outro e que clama por interpretação. Aquilo que o

acting out coloca em cena é o resto, o objeto *a*, que se destaca entre o sujeito e o Outro (LACAN, 1962-1963/2005).

Em suma, se na passagem ao ato o sujeito se identifica com o objeto *a* enquanto resto, no *acting out* este é mostrado (BRUNHARI; DARRIBA, 2014).

Ao passo que o ato simbólico opera um corte simbólico no real, a passagem ao ato subtrai o sujeito do registro simbólico, para situá-lo no lugar do real: o sujeito deixa de ser um significante que se representa por meio da associação com outro significante, para se tornar aquilo que dele escapa à simbolização, identificado com o objeto *a* (ALBERTI, 2009, p. 84).

Tendo como referência os casos freudianos citados anteriormente, Lacan (1962-1963/2005) identifica a tentativa de suicídio da Jovem homossexual e a bofetada de Dora no Sr. K. como passagens ao ato. Diante do olhar raivoso de seu pai quando a vê passear com a dama, a Jovem homossexual é reduzida a nada assim como Dora que, ao escutar a frase do Sr. K. “minha mulher não é nada para mim”, se identifica com este nada (ALBERTI, 2009). O ato, nesses casos, diz de uma “saída da determinação simbólica”, pois “é um ato que fura a ordem simbólica” (ALBERTI, 2009, p. 84). O sujeito historicizado sai da cena, perde sua determinação histórica rompendo com o que o mantém enquanto tal. Ele deixa de apelar ao Outro do saber (ALBERTI, 2009).

A aventura da Jovem homossexual com a dama de reputação duvidosa seria um *acting out* como o comportamento da paciente Dora na casa dos K. (LACAN, 1962-1963/2005). O *acting out* pode ser identificado também no acidente que ocorreu com o Sr. K., o qual esquece de si e acaba sendo atropelado por um carro. Alberti (2009) coloca que este ato é da mesma ordem daqueles descritos por Freud em “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana”, ou seja, pode ser enquadrado como uma tentativa indireta de suicídio (ALBERTI, 2009).

Segundo Alberti (2009), a tentativa de suicídio executada por adolescentes neuróticos nunca é pura passagem ao ato, isto é, despedida da cadeia significante, pois sempre implica a dimensão do apelo. Talvez esta posição da autora seja questionável no sentido de implicar uma radicalidade ao excluir a possibilidade da passagem ao ato enquanto tal. De qualquer forma, há sempre uma dificuldade em relação a quem ocupa o lugar do Outro que passa despercebida, apesar dos indícios

deixados pelo sujeito que apontam para isso (ALBERTI, 2009). Ao apresentar as três principais causas de suicídio entre adolescentes, Rassial (1999) parece ir na mesma direção ao indicar como primeiro motivo a tentativa enquanto apelo, como demanda ao Outro. Neste caso, o autor está discorrendo acerca de neuróticos graves que, a cada fracasso na relação com os outros, lançam mão das tentativas de suicídio porque parecem ser a única forma de inquietar o meio circundante. Estas tentativas podem culminar em finais trágicos pelos riscos extremos assumidos ou por conotar atos falhos.

Podemos considerar o suicídio como uma resposta ao luto em consequência das transformações da imagem corporal e da relação com os outros. Esta fase diz de uma depressão, mas que não chegaria a ser necessariamente enquadrada como uma melancolia. Além disso, Rassial menciona a tentativa como punição de uma culpa, mas não chega a explicar o que entende dizer. O terceiro motivo diria respeito à busca pelo gozo. A adolescência é um momento onde ocorre a experimentação de todos os gozos possíveis e, neste contexto, a morte por *overdose* poderia ser um exemplo. Além disso, haveria a precipitação no real pela perda da ancoragem simbólica e imaginária nas figuras parentais. Assim, no real, entendido no seu sentido comum, o adolescente buscaria e testaria a consistência do Outro (RASSIAL, 1999).

Lacadée (2011) afirma que a dimensão do ato é importante nas patologias da adolescência, pois indica a tentativa de inscrever “a parte real ligada ao objeto *a*” (LACADÉE, 2001, p. 19). O autor chama o real de *mancha negra* para definir aquilo que mancha o quadro da existência do sujeito. Quando há uma forte identificação com ela, pode devastar seu ser. Através do ato, procura-se a “saída do impasse da relação com o Outro, para o que se experimenta de um impossível de dizer” (LACADÉE, 2001, p. 19). Diante de uma falta de tradução em palavras, o ato emerge como curto-circuito desta (LACADÉE, 2011).

A maior parte dos adolescentes suicidas são sujeitos neuróticos, principalmente histéricas que, por sua estrutura, duvidam se realmente querem se matar. Muitas vezes eles desconhecem o perigo de determinados meios utilizados na tentativa de suicídio e acabam morrendo por erro de cálculo (ALBERTI, 2009). Para exemplificar, Alberti (2009) traz um caso clínico no qual a adolescente desejava

inconscientemente assustar os pais, mas foi salva da tentativa de suicídio por ingestão significativa de Ajax somente porque foi socorrida a tempo pelo centro de reanimação. Desta forma, a autora ressalta como às vezes não há uma certeza quanto ao ato como aparece à primeira vista, mas a morte pode vir como consequência do desconhecimento do meio escolhido.

Na adolescência ocorre o questionamento do simbólico que, até então, era suficiente para o sujeito, mas não basta mais para lidar com o real com o qual é confrontado neste momento. Nas sociedades primitivas, os ritos de passagem permitiam a imersão do adolescente num banho de símbolos que promovia a atribuição de um sentido e a manutenção no simbólico (ALBERTI, 2009). Pode-se dizer que sua função era de ancoragem para que o jovem não se perdesse diante do impossível de simbolizar. Lacadée (2011, p. 8) usa o termo *ponto de onde* para definir a função do ideal “a partir do qual cada um pode se ver de um modo diferente do que é, o que alivia parcialmente seu ser de objeto a, ao qual ele não deve se reduzir”.

Hoje, segundo vários autores (ALBERTI, 2009; 2010; CAPANEMA; VORCARO, 2012; LACADÉE, 2011), falta um mecanismo cultural maciço que permita a mediação simbólica necessária para lidar com o real e sujeito se encontra sem meios diante disso. É aí que entra o ato como forma de lidar com o mal-estar e a angústia que emerge na adolescência, pois o Outro seria muito inconsistente (CAPANEMA; VORCARO, 2012).

A ausência de referências tradicionais lança alguns desses adolescentes no abandono, obrigando-os a se tornarem artesãos do sentido de suas existências, sob a injunção de estarem sempre a altura, de serem cada vez mais eficazes em suas performances (LACADÉE, 2011, p. 55).

Segundo Lacadée (2011), alguns adolescentes lançam mão de condutas de risco, entre elas as tentativas de suicídio, nas quais há uma grande probabilidade de se machucar ou morrer. Mas, segundo o autor, estas seriam “tentativas de existir mais do que de morrer” (LACADÉE, 2011, p. 57), pois falariam de um esforço de se situar no mundo, mesmo que de forma desajeitada e dolorosa, de demarcar sua passagem à idade adulta e encontrar limites. Quando o jovem não recebe a marca do Outro simbólico, procura isso sozinho e “pede para ser ouvido em sua dimensão

de sofrimento, de apelo, de invenção e de vida” (LACADÉE, 2011, p. 60). E a tentativa de suicídio enquanto *acting out* não poderia ser enquadrada nisso? Cabe perguntar o que pode o analista diante tudo isso.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência diz de um tempo de importantes elaborações no qual ocorre o encontro com o real, pois as construções imaginárias e simbólicas que, até então, sustentavam o sujeito, falham. A falta no Outro aparece e abre as portas para sair do movimento alienante e se constituir como sujeito desejante. Há adolescentes que escolhem permanecer na alienação e tentam ser o que os pais almejam; outros caminham pela via de uma separação radical lançando mão do suicídio. Pensar na possibilidade de trânsito, no movimento de balança entre as duas operações talvez seja menos assustador, mas os pais, ou quem por eles, precisam não se separar do adolescente antes deste. Mas será que, neste contexto, podemos pensar que estas elaborações ocorrem da mesma forma em adolescentes do sexo masculino e feminino? Esta dúvida surgiu ao longo do trabalho ao voltar a Freud. Se há diferenças no desenrolar do complexo de Édipo e na formação do superego, seu herdeiro, será que na adolescência isso traz alguma repercussão na forma de lidar com questões que reaparecem, como as fantasias edípicas?

O suicídio aparece como forma de lidar com os impasses com o qual o sujeito se defronta. Pela via do ato, ele rompe com a determinação simbólica, como ocorre na passagem ao ato, e escolhe a defenestração da vida. Mas o ato também tem a dimensão do apelo que está implícita no *acting out*. Tendo como base estes pressupostos, podemos começar a pensar o que analista pode oferecer ao sujeito adolescente. Será que ele precisa responder ao apelo ou à interrogação à qual o suicídio nos convoca?

Os autores consultados (ALBERTI, 2009; LACADÉE, 2011; RASSIAL, 1999) destacam a importância da análise enquanto lugar onde o adolescente pode construir sua própria resposta. Desta forma, a singularidade é valorizada em detrimento de discursos pré-estabelecidos e homogeneizantes. Ela “só pode ser ouvida, se deixamos a cada um a escolha de dizer com suas palavras o que está acontecendo em sua vida” (LACADÉE, 2011, p. 31). O analista, então, pode oferecer

sua escuta consentindo ao adolescente de falar acerca daquilo que o angustia, permitindo a substituição do ato pelo dizer, possibilitando construções simbólicas que contornem o real e promovam a elaboração. A análise proporciona o surgimento de um novo dizer, de uma fala inédita, além de permitir dizer algo sobre o impossível de dizer, isto é, o real (LACADÉE, 2011). Sustentar este lugar no qual o analista não oferece uma resposta quando ela é pedida pelo adolescente nem sempre é fácil. Neste contexto, podemos pensar a relação transferencial e lugar que o analista ocupa para este sujeito que tende a buscar identificações.

Mas será que a angústia trazida para a análise remete à nossa própria relação com esse real que na adolescência vem à tona e o adolescente mostra através do ato? Talvez a ideia de morte implícita no suicídio nos coloque diante do nosso próprio limite, pois quando há a escolha pela via da defenestração da vida, o analista se encontra diante de sua própria impotência, já que não há mais fala que permita uma análise, uma reelaboração ou um reposicionamento possível, mas silêncio. Diante de uma tentativa de suicídio ainda existem possibilidades se o sujeito assim desejar, já que o analista ainda pode oferecer sua escuta ali onde muitas vezes o adolescente não é visto. Tentativa esta que não necessariamente é tão explícita, como nos indicou Freud (1901/1996). Às vezes ela aparece sob outras roupagens, disfarçando seu intento inconsciente.

Cabe ressaltar que, com este artigo, não se pretendeu esgotar o assunto. Há muito a ser discutido e pensado a respeito do suicídio. Não foram encontradas muitas referências relacionadas a este ato na adolescência, por isso, a importância de continuar pesquisando. Poderíamos esmiuçar o assunto a partir do conceito de pulsão de morte, ampliando a discussão incluindo as postulações acerca do laço social, pensando qual o lugar do discurso social em relação ao suicídio. Na mídia se fala muito sobre esta temática, mas qual pode ser o efeito desta fala? Qual o efeito dos ideais e das transformações da contemporaneidade na forma como os adolescentes lançam mão do suicídio para lidar com a angústia?

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. **Esse sujeito adolescente**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/Contra Capa, 2009.

ALBERTI, S. **O adolescente e o outro**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BRUNHARI, M. V.; DARRIBA, V. A. O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato. *Psicologia clinica*. Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 197-213, jun. 2014. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 abr. 2019.

CAPANEMA, C. A.; VORCARO, A. Modalidades do ato na particularidade da adolescência. **Ágora**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 151-163, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v15n1/v15n1a10.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2018.

FREUD, S. (1897). Carta 71. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. I, p. 356-359.

_____. (1901). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. VI.

_____. (1905). Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. VII, p. 119-229.

_____. (1910). Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XII, p. 243-244.

_____. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIX, p. 191-199.

_____. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIX, p. 227-286.

_____ (1929). O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXI, p. 65-148.

LACADÉE, P. **O despertar e o exílio**: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011.

LACAN, J. (1964). **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. (1962-1963). Passagem ao ato e *acting out*. In: LACAN, J. **O seminário, livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 128-145.

OLIVEIRA, H. M.; HANKE, B. C. Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 295-310, ago. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982017000200295&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov. 2018.

PISETTA, M. A. M.; BESSET, V. L. Alienação e separação: elementos para discussão de um caso clínico. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 317-344, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n2/a15v16n2.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2018.

POLI, M.C. **Clínica da exclusão**: a construção do fantasma e o sujeito adolescente. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

RASSIAL, J.J. **O adolescente e o psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SOLER, C. O Sujeito e o Outro II. In: FELDESTEIN, F; FINK, B.; JAANUS, M. (orgs.) **Para ler o seminário 11 de Lacan**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 58-67.

TAVARES, A.L. O que pode o analista oferecer ao sujeito adolescente? **Psicanálise e Barroco em revista**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 52-59, dez. 2013. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/article/view/8650>. Acesso em: 11 nov. 2018.